

O PAPEL DO EDUCADOR NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

EL PAPEL DEL EDUCADOR EN LA SOCIEDAD POST-MODERNA

THE ROLE OF THE EDUCATOR IN THE POST-MODERN SOCIETY

Aureliana TAVARES¹
Ana Maria BARREIRO²

RESUMO: O presente texto trata da compreensão de que na interação homem-mundo é possível construir uma outra realidade social e, portanto, uma outra sociedade, mais justa e igualitária. Considerando o papel do educador na sociedade pós-moderna, é refletido sobre a necessidade de se desenvolver um trabalho docente que seja propulsor de uma educação emancipatória, na qual a problematização esteja presente como um modo de levar os(as) educandos(as) à tomarem consciência de que são seres históricos em permanente construção, assim como também, a realidade socioeconômica e cultural que os(as) cercam, é um produto histórico. Desse modo, os(as) educadores(as) necessitam ter claro que o ato de ensinar não é um ato neutro, ele também pode contribuir para a conservação ou inovação da sociedade que temos. Nesse sentido, faz-se necessário o compromisso não só dos(as) educadores(as), mas de todos(as) os(as) envolvidos(as) no processo de ensino-aprendizagem, como também da elaboração e execução de políticas públicas para a educação brasileira, que de fato primem por uma educação emancipatória, rompendo com qualquer ranço de educação excludente, voltada para o mercado capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Educador. Educando. Educação emancipatória.

RESUMEN: *El presente texto trata de la comprensión de que en la interacción hombre mundo, es posible construir otra realidad social y, por lo tanto, otra sociedad, más justa e igualitaria. Considerando el papel del educador en la sociedad posmoderna, reflexionando sobre la necesidad de desarrollar un trabajo docente que sea propulsor de una educación emancipatoria, en la cual la problematización esté presente como un modo de llevar a los educandos a tomar conciencia De que son seres históricos en permanente construcción, así como también, la realidad socio-económica y cultural que los rodean, es un producto histórico. De este modo, los educadores necesitan tener claro, que el acto de enseñar no es un acto neutro, también puede contribuir a la conservación o innovación de la sociedad que tenemos. En este sentido, se hace necesario el compromiso no sólo de los (as) educadores (as), sino de todos (as) involucrados (as) en el proceso de enseñanza-aprendizaje, así como de la elaboración y*

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB – Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação (CE). Especialista em Educação Inclusiva pela UNIPÊ. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Formação Docente. E-mail: tavares.aureliana@gmail.com.

² Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa – PB - Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação (CE). Especialista em Educação Infantil pela UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Formação Docente. E-mail: anammarreiro@hotmail.com

ejecución de políticas públicas Para la educación brasileña que de hecho primen por una educación emancipatoria, rompiendo con cualquier rancio de educación excluyente, volcada hacia el mercado capitalista.

PALABRAS CLAVE: Educador. Educando. Educación emancipatoria.

ABSTRACT: *The present text deals with the understanding that in the human world interaction, it is possible to construct another social reality and, therefore, another society, more just and egalitarian. Considering the role of the educator in postmodern society, reflecting on the need to develop a teaching work that is the driver of an emancipatory education, in which the problematization is present as a way to lead the students to become aware of which they are historical beings in permanent construction, as well as the socio-economic and cultural reality that surrounds them, is a historical product. Thus, educators need to be clear that teaching is not a neutral act, it can also contribute to the conservation or innovation of the society we have. In this sense, it is necessary the commitment not only of the educators, but of all those involved in the teaching-learning process, as well as the elaboration and execution of public policies For the Brazilian education that in fact excel by an emancipatory education, breaking with any rancid of excluding education, directed towards the capitalist market.*

KEYWORDS: Educator. Educating. Emancipatory education.

Introdução

A sociedade pós-moderna é a sociedade do conhecimento. Conhecimento esse, que se veicula de um lugar à outro em um curto espaço de tempo, cabendo à escola e aos(as) seus(suas) educadores(as) adaptarem-se à essa nova realidade. Dentro desse contexto, é necessário compreender e ter claro por parte daqueles que pensam o processo educativo, que educar é uma ação política, no sentido dos objetivos à serem alcançados.

Nessa perspectiva, a sociedade necessita de uma educação problematizadora, baseada na criatividade e atitude, na qual educadores e educandos se percebam como seres históricos-sociais em permanente processo de construção, pois à medida que interagem com o mundo constroem a si mesmos, e, portanto, a sociedade da qual participam.

Essa interação homem-mundo necessita ser considerada pelos(as) educadores(as) a fim de que sua prática pedagógica contribua para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, eles(as), sujeitos do processo de ensino, necessitam ter a consciência de que ensinar não é um ato neutro, antes de tudo, é uma atitude política, no sentido de estar permeado por uma visão de homem, sociedade e

mundo que se deseja construir, manter ou transformar. Sobre essa questão, afirma-nos Cortella: “os processos pedagógicos também não são neutros, estando emersos no tecido social e tendo, ainda, a tarefa de elaborar o indispensável amálgama para a vida coletiva, sendo conservadores e inovadores; é como tal que esses processos devem ser enfocados e compreendidos”. (CORTELLA, 2008, p. 42)

A compreensão de que seu fazer pedagógico influencia diretamente a conservação ou inovação social, deve ser considerada cotidianamente pelos(as) educadores(as) que almejam contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O(a) educador(a) pós moderno, precisa realizar no interior de sua sala de aula uma educação problematizadora, conduzindo os(as) educandos(as) à construírem o conceito de que a estrutura política econômica social que hoje temos, é resultado de uma construção histórica e que, necessariamente não estamos fadados a aceitá-la tal como se apresenta, mas antes precisa, desencadear um processo educativo no qual seus(as)educandos(as) percebam-se como sujeitos dessa história e que, como sujeitos, podem transformá-la.

Desse modo, é necessário pensar na formação desse(a) educador(a), pois como enfatiza Rodrigues (2013, p. 74):

Educar, no século XXI, exige das instituições educativas a superação dos enfoques homogeneizantes, dicotômicos, tecnológicos, funcionalistas e burocratizantes, além da aproximação de seu caráter relacional, mais dialógico, mais cultural-contextual e comunitário para que sejam superadas as desigualdades sociais.

Um(a) educador(a) que tenha a consciência de que seu trabalho pedagógico necessita contribuir para a superação das desigualdades sociais precisa ser formado dentro de uma perspectiva comunitária e humanitária, sendo, em sua formação inicial e continuada sensibilizado a olhar o outro, nesse caso, seus(as) educandos(as) como seres de direitos, os quais muitas vezes lhes são negados pela atual conjuntura social e econômica, capitalista e excludente. Sendo necessária uma política de formação macro que valorize essa formação humanitária.

Pensar essa formação docente, é algo imprescindível dentro desse contexto que almeja a construção de uma educação problematizadora e emancipatória formadora de cidadãos(ãs) conscientes de seus deveres perante os outros e de seus direitos perante si próprio(a).

As interfaces da educação crítica

O processo sócio-político-cultural que a sociedade pós-moderna está vivenciando nos dias atuais no Brasil interfere de forma direta no papel do educador, na construção e reconstrução de sua identidade profissional, do seu relacionamento na escola, com seus alunos e demais membros.

O papel do educador subsidia a construção de uma educação crítica, mas não é algo que depende apenas dele. Poderíamos numa ação educativa conjunta nortear três pontos: sistema educacional, a gestão que organiza e promove um espaço escolar favorável e a reflexão da práxis entre aluno-professor-sociedade são fatores que vem auxiliar tanto no desenvolvimento de uma educação crítica como na identidade que o educador crítico deve construir em seu local de trabalho.

A relação desses três pontos apresentados, se trabalhado de forma crítica, contextualizada com o meio social e buscando a participação efetiva da gestão escolar, em que todos busquem andar em um só compasso, em um só ritmo, poderá através da luta e da persistência configurar uma educação menos excludente, menos seletiva.

Assim, Saviani (1985, p. 36) acrescenta dizendo que

[...] do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade através da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes.

Para que a sociedade marginalizada venha a almejar uma melhor qualidade de vida, faz-se necessário que tenha acesso a uma escola de qualidade capaz de trabalhar as diferenças e singularidades existentes no convívio escolar.

O educando precisa se sentir aceito, capaz, amado, e para isso, o educador, os gestores, os familiares, a comunidade precisam fazer parte desse universo escolar viabilizando o conhecimento crítico, erudito e politizado. Os educandos ao terem acesso à uma educação crítica, favorecerão o surgimento de um diálogo crítico com os grupos sociais nos quais estejam inseridos, transmitindo o que aprenderam a outras pessoas, possibilitando a ampliação da construção do saber e da difusão do conhecimento.

Um educando motivado aprende com mais facilidade, por mais que tenha passado por problemas extraescolares, ele terá força para a superação dos obstáculos e perceberá a necessidade de estudar para se alcançar uma melhor qualidade de vida.

De acordo com Luckesi e Passos (2000, p. 32)

O educando apropriando-se por meio da escola, do conhecimento como forma de compreensão da realidade, está se preparando não só para o enfrentamento dos desafios da natureza propriamente dita, mas também para enfrentar as mazelas sociais que o envolvem.

É difícil buscar desenvolver uma prática escolar crítica, construtiva, emancipatória com tantos obstáculos presentes na rotina do educador-educando. É algo difícil, mas o difícil não pode se tornar impossível.

A nossa educação, apesar de toda essa fragilidade, para alcançar a estrutura organizacional da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 9.394/96 percebe-se que foram muitas reivindicações, lutas e a participação ativa dos movimentos sociais.

Para uma pequena parcela da população, onde fica a maior concentração de renda do nosso país, não seria viável lutar por uma educação de qualidade para todos. Que todos pudessem ter acesso à informação, ao conhecimento sem tantos dilemas, contradições, inferências, obstáculos, sem tanta exclusão. Para esta sociedade elitizada a educação deve percorrer sob os véis de uma educação que fixa em dois pontos – educação para as classes dominantes e a educação para as classes marginalizadas, que não tem o direito de escolha e sim de aceitação para poder sobreviver na sociedade.

Uma proposta de educação que molda o educando para o mercado de trabalho e não para uma formação continuada, voltada para o ensino superior universitário. O educando é mais uma vítima da relação sócio-político-cultural da nossa sociedade que não almeja uma educação crítica de qualidade, mas sim, uma educação deficiente, norteada exclusivamente para o mercado de trabalho.

Para tanto, podemos ressaltar a nova conjuntura, conforme comentaremos abaixo, que a educação vem sofrendo, ou seja, as alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira 9.394/96 que através de emendas constitucionais está favorecendo uma educação menos crítica, mais excludente e pragmática.

As alterações levaram a retirada das disciplinas de Sociologia e Filosofia do Ensino Médio, através da medida provisória 746 de 2016. Tais disciplinas foram incluídas no Ensino Médio em 2008 pela Lei 11.684, depois de ter sido retirada por

cerca de aproximadamente 40 anos, momento em que o Brasil estava vivenciando a Ditadura Militar.

A retirada das disciplinas de Sociologia e Filosofia do Ensino Médio configuram mais um retrocesso na educação brasileira. Tais disciplinas enfocam conteúdos reflexivos que constituem a base de um pensamento de justiça social, igualdade e podem proporcionar ao aluno o pensar criticamente. A ausência de conteúdos sociológicos e filosóficos na escola dificultam a construção de uma sociedade mais crítica e esclarecida dos fatos sócio-político-econômicos do nosso país, uma vez que os alunos são esvaziados da possibilidade de um exercício de pensar crítico.

Diante desta explanação podemos indagar: como podemos lutar por uma educação mais crítica e menos excludente se as próprias mudanças nas leis que regem a educação não favoreçam tais ações? Como construir uma sociedade crítica que possa entender com clareza a política do seu país se lhe é negado este direito, retirando as disciplinas que favorecem a reflexão, do currículo obrigatório do ensino médio?

Cabe a nós educadores lutarmos por nossos objetivos, buscando em nossa prática pedagógica construir um lugar de diálogo, rico em conhecimento, criticidade, valorizando os educandos e esclarecendo pontos fundamentais para o entendimento da organização sócio-política-econômica do nosso país, levando-os a perceberem que sua equalização social só acontecerá através de uma educação de qualidade, uma educação crítica, emancipatória.

O sujeito e a leitura *a priori* do mundo

Para que o educando busque entender a atual conjuntura da educação brasileira, é necessário que venham a interagir com o seu mundo imediato e percebam a importância que têm nessa relação, construindo seu próprio conceito de sujeito, de leitura e de mundo, tão discutida no pensamento freireano.

A relação existente entre essas três categorias constitui a base fundamental para a construção de uma educação problematizadora que deve ser utilizada nas salas de aulas pelos educadores e educandos, onde o conhecimento for trabalhado.

Segundo Freire (1980, p.35) o homem chega a ser sujeito a partir do momento em que começa a fazer a reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto. Quanto mais ele se esforça no sentido de ampliar esta prática, mais se manifesta diante

dos problemas sócio-político-econômicos que o afetam. Essa consciência da realidade favorece o comprometimento de intervir com objetivos a promover mudanças.

O educador precisa entender que na medida em que o educando toma consciência de sua importância na construção de seu contexto sócio-político-econômico-cultural, faz uma reflexão, compromete-se, constrói a si mesmo com uma nova visão de mundo, mais crítica, mais consciente, tornando-se sujeito.

Segundo Freire (1980, p. 39) para atingir esse objetivo,

[...]é preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história[...]

Para a tomada dessa consciência, da percepção do papel do educador-educando na sociedade, é necessária a realização de uma leitura reflexiva sobre seu contexto sócio histórico. Essa leitura permite a descoberta de um novo mundo que vai além da leitura de signos. Esse processo requer uma complexidade maior de entendimento.

Assim, para Freire (1982, p.11) a prática da leitura com uma compreensão crítica não se acaba na simples decodificação da palavra escrita ou da linguagem escrita; ela antecede estes aspectos e se alonga por todo o processo de compreensão do mundo.

A concretização da leitura, contudo, não pode ser realizada através de uma cópia do pensamento; não se dá mecanicamente. A leitura é constituída a partir da forma de pensar dos sujeitos, de suas ações, da percepção significativa de suas experiências, de sua cultura, de seu mundo, para, posteriormente, construir, entender, ampliar seu conhecimento num mundo mais globalizado, de forma participativa.

Sujeito, leitura e mundo estão a todo momento no processo educativo de Paulo Freire, completando-se e interagindo entre si. Dessa forma, a palavra “mundo” tem um significado maior que a simples concretude de sua existência física. “Mundo” seria a situação existencial do qual o educando faz parte, seja num contexto simplificado, da relação exercida através dos contatos com familiares e amigos, ou num contexto mais ampliado com sua participação na sociedade para o desenvolvimento sócio, político e econômico do sistema social.

Para obter uma reflexão sobre a realidade da relação dos fatores sujeito, leitura e mundo, dentro dessa atual conjunta educacional que o país esta vivenciando, é

necessário a prática de uma educação problematizadora cuja fundamentação recaia sobre a criatividade e estímulo de uma ação.

Essa prática responde à vocação do educador-educando a se comprometer na procura e na transformação criadora, não aceitando um presente bem conduzido, nem um futuro predeterminado.

A educação problematizadora tem por base uma visão crítica. Nela o homem é visto como ser histórico, como ser inacabado, incompleto que precisa a todo o momento inovar e recriar seu saber. Para isso, o caráter evolutivo da realidade exige que a educação seja uma atividade contínua. À medida que a sociedade evolui, a educação movida pela práxis evolui também.

Desse modo, uma educação crítica traz consigo a esperança de que os homens sejam seres capazes de se superarem e transcenderem sua existência concreta. Segundo Freire (1980, p. 81-82)

Ela afirma que os homens são seres que se superam, que vão a frente e olham para o futuro, seres para os quais a imobilidade representa uma ameaça fatal para os quais ver o passado não deve ser mais que um meio para compreender claramente quem são e o que são, a fim de construir o futuro com mais sabedoria. Ela se identifica, portanto, com o movimento que compromete os homens como seres conscientes de sua limitação, movimentos que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objeto.

O ponto de partida para a conscientização do mundo encontra-se nos próprios homens, tomando como princípio que eles não existem fora do mundo, fora da realidade. Essa relação deve começar com a interação homem-mundo.

Consequentemente, o início dessa relação deve estar sempre nos homens, no seu presente, na ação que constrói sua realidade.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos analisar que o papel do educador crítico, consciente quanto à importância do desenvolvimento de uma prática viabilizada pelo diálogo e a valorização do educando possibilitará na construção de uma educação mais crítica e menos excludente.

A luta por uma educação em que na relação educador-educando todos possam crescer não é fácil, requer dedicação e compromisso com o papel de educador crítico,

consciente, indagador, que você tenta buscar ao longo de sua jornada na construção e reconstrução da sua prática docente.

O educando no ensejo dessa relação educador, educando e o mundo imediato precisa saber da sua importância para a sociedade. Seu papel se fundamenta na busca da verdade dos fatos construído ao longo de sua relação no mundo e com o mundo.

Pensar em uma pedagogia dialogal, reflexiva, questionadora, é algo em que educador-educando juntos vão construindo gradativamente esses contextos. É necessário que ambos tenham o amadurecimento da importância do estudar, analisar, problematizar, nunca buscar resposta e procedimentos práticos, pragmático, conclusivo, definitivo. A educação é movimento, ação, relação de força e poder voltado para o intelecto e um dos fatores que vem a desenvolver tal ação é a indagação, o questionamento que leva a problematização.

Enfim acreditamos que o papel do professor em uma sociedade pós-moderna tem como base primordial desenvolver uma pedagogia que trabalhe a autoestima do educando fazendo com que a educação seja momentos de prazer, dedicação, interesse e nunca punição, obrigação. A educação seja um ato de amor, coragem, respeito, perseverança, que crie um ambiente agradável para que os educandos se sintam bem em estar nesse convívio.

A educação almejada ao longo desse diálogo deve acontecer em um espaço que prime pela qualidade, por isso, o educador não pode estar sozinho nessa jornada. Para que se tenha uma educação de qualidade, faz-se necessário o compromisso de todos do espaço escolar, que os gestores compartilhem com os educadores projetos de inclusão social em que a valorização cultural do mundo imediato do educando esteja presente.

Concluimos que na sociedade pós-moderna, é necessária uma educação emancipatória, na qual o educador e educando tenham consciência de que são seres históricos, em construção. À medida que educadores-educandos buscam construir a si próprios, também constroem a realidade social da qual fazem parte, podendo assim transformá-la. Destarte, a educação torna-se um dos meios para se promover a almejada equalização social.

Como sugestão propositiva, entendemos que para se alcançar uma educação emancipatória, crítica, problematizadora que venha a valorizar o mundo dos educandos não depende apenas do educador crítico consciente com seu papel pedagógico, é preciso o envolvimento de um conjunto de fatores que venham dar suporte à esta ação. Tais fatores fazem referência à participação dos gestores da escola e do papel de uma política

de estado engajada em desenvolver uma proposta de educação menos excludente e mais receptiva.

REFERÊNCIAS

- LUCKESI, C. C.; PASSOS, E. S. **Introdução à filosofia**: aprendendo a pensar. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- ANTUNES, C. A melhor escola para alfabetizar. **Revista Veja**: Abril, Ano 39-nº 16. 26 de abril de 2006. p.118.
- BRENNAND, Edna. **O Labirinto da educação popular**. João Pessoa: Universidade/UFPB, 2003, p. 57–102.
- CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2008.
- FERNANDES, F.; LUFT, C.; GUIMARÃES, F. **Dicionário Brasileiro Globo**. 17 ed. São Paulo: Globo, 1999.
- FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, P. **Educar para transformar**: fotobiografia. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se complementam. 47 ed. São Paulo; Cortez, 1992.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, P. **Conscientização Teoria e Prática da Libertação**: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Adaptação Lana Mara Siman. Porto Alegre: UFMG / ARTMED, 1999. Cap. IV; V; VI e VII.
- RODRIGUES, J. M. C. (org.). **Formação docente**: contribuição do Ideário de Paulo Freire – João Pessoa: Sal e Terra. 2006.

RODRIGUES, J. M. C.; PIMENTA, S. A.; BORGES, O. de M. **Dimensões teóricas, práticas e avaliativas na construção da formação continuada: desafios para o século XXI.** João Pessoa: Mídia Gráfica Editora, 2013.

Como citar este artigo

TAVARES, Aureliana.; BARREIRO, Ana Maria. O papel do educador na sociedade pós-moderna. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 21, n. esp. 02, p. 1227-1238, nov. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22633/rpge.v21.n.esp2.2017.10162>>. E-ISSN:1519-9029.

Submetido em: 25/07/2017

Aprovado em: 30/08/2017